

NEUROPEDAGOGIA E QUESTÕES DE APRENDIZAGEM

Jannine Alves Costa¹ (IC - janninespn@gmail.com); Gilson Xavier de Azevedo¹ (PQ)

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: O objetivo desse projeto é realizar atendimento pedagógico e reforço escolar a crianças com dificuldades e problemas de aprendizagem em uma escola pública de Quirinópolis. Acredita-se que a relevância do presente projeto situa-se justamente no fato de que muitos são os erros diagnósticos que compreendem os três campos classificatórios mencionados, de modo que conhecê-los melhor é uma forma pertinaz de entender os processos de ensino-aprendizagem como realizadores e professores e alunos. Trata-se de um trabalho feito no contra turno em uma escola do município de Quirinópolis que denote e requeira apoio psicopedagógico (reforço escolar) para alunos que apresentem problemas ou dificuldades de aprendizagem e possam assim melhorar seu desenvolvimento em sala de aula. Um olhar interdisciplinar parece essencial quando o assunto é inclusão, porém, vale ressaltar que esse olhar tem que ser coeso, coerente e conciso, de modo a não haver erro diagnóstico e de recomendações sobre a questão a ser tratada e acompanhada pela escola e pela família. A metodologia empregada será a de estudo participativo e de intervenção por meio de utilização de materiais didáticos, psicodidáticos, atividades físicas que melhorem as condições motoras e cognitivas, jogos cognitivos em tablets e atividades em piscina. Conforme se buscará evidenciar, problemas, dificuldades, transtornos e distúrbios de aprendizagem não são doenças irreversíveis, mas questões que merecem olhar acurado, especialidades escolares e profissionais de fato dedicados a tornar mais acessível os processos de ensino-aprendizagem, tornando ainda a escola um lugar de acolhimento e não de fracasso escolar. Espera-se com o projeto, melhorar as condições de aprendizagem de alunos que tais agravantes.

Palavras-chave: Educação. Neuropedagogia. Questões de Aprendizagem.

Introdução

Quando se pensa em inclusão escolar, o olhar para os alunos com necessidades educativas especiais deve ser atento, preciso e devotado. Isso porque, o indivíduo que apresenta tais necessidades, precisa ter o acompanhamento apropriado para poder desenvolver da melhor forma todo o seu potencial.

Nesse sentido, nota-se muita confusão no meio médico e pedagógico em relação a identificar o que de fato a criança tem (problemas, dificuldades, transtornos e distúrbios), de modo que tal fragmentação conceitual resulta em alunos mal preparados por educadores mal capacitados, além de uma sociedade sem condições reais de acolhimento do que chamo aqui de diferença.

Um olhar interdisciplinar parece essencial quando o assunto é inclusão, porém, vale ressaltar que esse olhar tem que ser coeso, coerente e conciso, de modo a não haver erro diagnóstico e de recomendações sobre a questão a ser tratada e acompanhada pela escola e pela família.

As necessidades do sujeito da aprendizagem devem ser olhadas de forma direta, de modo que possa ser bem compreendida nas áreas: médica, pedagógica, psicopedagógico, psicológica e, também, escolar.

Quando a dois anos atrás, decidi iniciar este projeto de extensão, busquei muitas das fontes teóricas possíveis para ofertar à escola sede, um atendimento educacional especializado àquelas crianças que realmente necessitavam de tal intervenção.

Os problemas de aprendizagem (P.A.) estão datados na literatura médica por volta da década de 1960, após a publicação do livro Educação da criança excepcional (KIRK; GALLAGHER, 1996) tratando problemas como distúrbios de aprendizagem. Desse modo, nota-se são constantes os usos de termos diferentes para a mesma questão e vice-versa. Nota-se, portanto, que problemas de aprendizagem dizem respeito a aspectos coletivos de aprendizagem, não figurando apenas no aprendiz, mas no contexto em que este se encontra.

O termo “Dificuldade de aprendizagem” (D.A) tem uma conotação particular, subjetiva, dizendo respeito mais ao aluno e sua estrutura cognitiva que necessariamente ao conjunto do processo do ensinar-aprender já mencionados. Trata-se da maneira como o estudante relaciona e apreende os processos de ensino aprendizagem que a escola lhe fornece.

Para tratar de Dificuldades de aprendizagem, citam-se quadro pesquisas publicadas importantes: Mazer, Dal Bello e Bazon (2009); Kauark e Silva (2008); Bartholomeu, Sisto e Rueda (2006) e, Santos e Graminha (2005).

Na realidade, todos temos algum tipo de dificuldade de aprendizagem, seja em humanas, aplicadas ou exatas. A questão é como identificamos ou identificaram os médicos e se isso foi feito a contento. A partir de um estado mínimo de consciência, que não se limita a constatações ligadas aos juízos de valores do tipo: “não gosto de matemática ou de português”, mas um por quê mínimo que permita pontuar questões básicas como idade da fala, do andar, equilíbrio motora, estimulação, podemos estabelecer com mais precisam qual o quadro de cada indivíduo no contexto escolar.

Hoje com a inclusão dos indivíduos em salas regulares, não só os com necessidades especiais, mas com dificuldades de aprendizagem, as escolas estão com muita dificuldade em trabalharem de forma diversificada e assim sanarem ou diminuïrem os problemas escolares. Com isso, escolas estão buscando convênios e

a colaboração das instituições de ensino superior que possuem os Cursos de Terapia Ocupacional, Psicologia, Pedagogia e outros (COSTA; PENCO, 2009).

Um olhar interdisciplinar parece essencial quando o assunto é inclusão, porém, vale ressaltar que esse olhar tem que ser coeso, coerente e conciso, de modo a não haver erro diagnóstico e de recomendações sobre a questão a ser tratada e acompanhada pela escola e pela família.

As necessidades do sujeito da aprendizagem devem ser olhadas de forma direta, de modo que possa ser bem compreendida nas áreas: médica, pedagógica, psicopedagógico, psicológica e, também, escolar.

Para Sampaio e Freitas (2014), se a aprendizagem é a capacidade e possibilidade de percepção, conhecimento, compreensão e retenção na memória de informações obtidas, e todos esses processos acontecem por intermédio do cérebro nas suas regiões motoras e psicomotoras, ergo, os problemas, sejam de qual ordem forem, terão como origem danos sofridos nesse órgão.

Nesse sentido, os problemas de aprendizagem (P.A.) estão datados na literatura médica por volta da década de 1960, após a publicação do livro Educação da criança excepcional (KIRK; GALLAGHER, 1996) tratando problemas como distúrbios de aprendizagem. Desse modo, nota-se são constantes os usos de termos diferentes para a mesma questão e vice-versa. Nota-se, portanto, que problemas de aprendizagem dizem respeito a aspectos coletivos de aprendizagem, não figurando apenas no aprendiz, mas no contexto em que este se encontra.

O termo “Dificuldade de aprendizagem” (D.A) tem uma conotação particular, subjetiva, dizendo respeito mais ao aluno e sua estrutura cognitiva que necessariamente ao conjunto do processo do ensinar-aprender já mencionados. Trata-se da maneira como o estudante relaciona e apreende os processos de ensino aprendizagem que a escola lhe fornece. De acordo com o estudo proposto pela The Interagency Committee on Learning Disabilities (ICLD):

Portanto, o termo não quer significar uma doença, mas antes algo momentâneo e sanável. Nesse sentido, apontam Smith e Strick (2007): Dificuldades de aprendizagem são problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações. Consideradas raras no passado, as dificuldades de aprendizagem supostamente afetam, hoje em dia, pelo menos 5% da população, ou mais de 12 milhões de americanos. Muitas autoridades pensam que o

número de indivíduos afetados é, na verdade, muito maior, e os especialistas concordam que muitas crianças não estão indo tão bem quanto poderiam na escola em virtude de deficiências que não foram identificadas (SMITH; STRICK, 2007, p. 14).

Sejam dificuldades, sejam problemas de aprendizagem, dispor de pessoal treinado para o atendimento de crianças com as referidas questões de aprendizagem é uma conquista que permeia o ensino, pois ao aprenderem sobre alfabetização terão elementos concretos de compreensão.

O presente projeto se liga também à pesquisa quando no ano de 2018, início um projeto de 2 anos com o tema questões de aprendizagem. Acredita-se que a relevância do presente projeto se situa justamente no fato de que muitos são os erros diagnósticos que compreendem os campos classificatórios mencionados, de modo que os conhecer melhor é uma forma pertinaz de entender os processos de ensino-aprendizagem como realizadores e professores e alunos. Acrescenta-se que atividades lúdicas e de reforço são elementares no desenvolvimento de crianças na fase em que o projeto atual.

Considerações Metodológicas

De acordo com Gil (2002, p. 18) pode-se definir pesquisa como o «procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos». Mesmo se tratando de um projeto de extensão, as observações, avaliações, discussão no entono da aplicação do mesmo resultarão em resultados também de pesquisa. A metodologia a ser empregada no mesmo é a da pesquisa empírica e de observação. Seu caráter é exploratório experimental.

Para Gil (2002, p. 20): “Essencialmente, a pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto”. Trata-se também da utilização da pesquisa participante. Novamente para Gil (2002, p. 20): “A pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

As técnicas a serem adotadas na minimização de dificuldades de aprendizagem (a percepção visual, o processamento da linguagem, as habilidades motoras finas e a capacidade para focalizar a atenção) são os jogos eletrônicos a partir da utilização de tablets, propor circuitos pedagógicos para desenvolvimento motor e de lateralidade, caminhadas e corridas para desenvolvimento do tônus muscular e exercício programados e assistidos no caderno do pesquisador.

Além desses o projeto foca em desenvolver na escola solicitante as atividades de alfabetização, letramento e numeramento de forma grupal e individual. Aplicar técnicas de alfabetização como a ficha catalográfica e a soletração. Aplicar atividades de leitura e escrita. Aplicar atividades com as 4 operações matemáticas. Desenvolver a parte motora das crianças por meio de jogos de basquete, futebol e vôlei. Utilizar recursos tecnológicos de modo a favorecer a atenção e o foco das crianças no processo de aprendizagem. São utilizados materiais para atividades lúdicas e de estimulação, dama, dominó, xadrez, tabuada, material dourado, tablets, quadra e materiais poliesportivos.

Resultados e Discussão

Nota-se que o referido projeto Melhorar as condições individuais de aprendizagem; melhorar dificuldades de atenção e foco; melhorar os resultados individuais de alfabetização e letramento, silabação, leitura e escrita; melhorar os resultados individuais de numeramento. Os resultados iniciais apontam para um amplo desconhecimento de pais e educadores para o mérito da questão. Ambos desconhecem sintomas e efeitos que as dificuldades de aprendizagem têm sobre a vida estudantil de crianças e jovens, de modo que problemas simples podem se tornar questões graves que incluem o abandono escolar.

De outro modo, as participantes do projeto, tem demonstrado interesse em participar do mesmo, fazendo-se frequentes nas formações, leituras e discussões sobre o tema. Todas elas direta ou indiretamente têm uma relação com algum tipo de dificuldade de aprendizagem seja pessoal ou familiar.

Dentro das percepções coletadas, nota-se que o projeto produz resultados, dado que o simples contato proporcionado pelo atendimento individualizado, favorece enormemente a construção de laços de afinidade entre acadêmicas e estudantes,

criando um clima perfeito de interação e aprendizado. Por uma hora, desenvolvem as atividades descritas de modo que a cada semana pode-se perceber avanços em relação ao aprendizado das crianças.

Na condição de estimuladores, os jogos favorecem essa interação apontada, além de proporcionarem aceleração no sistema cognitivo da criança.

Os dias de formação do grupo, são poderosas ferramentas de troca de experiências e aprendizado, onde são tratados os problemas, as dificuldades, os transtornos e os distúrbios de aprendizagem de forma teórica e prática.

Para Sampaio e Freitas (2014, p. 24): “A prevenção dos Transtornos de Aprendizagem fundamenta-se especialmente em cuidar do desenvolvimento do cérebro da criança, de forma harmoniosa e sadia, uma vez que há evidências científicas de que as pressões ou as disfunções podem ser de ordem pré-natal, perinatal e pós-natal”. A escola vem acompanhando com satisfação o desenrolar do projeto, de modo que temos conseguido ganhar a confiança dos gestores e professores que endossam e apoiam em sala o projeto.

A escola vem acompanhando com satisfação o desenrolar do projeto, de modo que temos conseguido ganhar a confiança dos gestores e professores que endossam e apoiam em sala o projeto.

Considerações Finais

Conclui-se pela relevância desse projeto de extensão, dada a realidade das crianças atendidas na escola campo onde o mesmo se dá efetivamente. Fatores como pobreza extrema, desnutrição, violência e desestrutura familiar, exclusão e outros, que incidem diretamente no aprendizado, podem ser minorados com a aplicação de técnicas simples que envolvem intervenção pedagógica e neurociência.

Agradecimentos

Agradeço também a Universidade Estadual de Goiás – Sede Quirinópolis por me proporcionar uma formação superior, assim como a participação da bolsa de iniciação científica "Neuropedagogia e dificuldades de aprendizagem" recebida, pois me proporcionou ampliar meus horizontes pessoais e

profissionais dentro do universo pedagógico. Agradeço ao meu professor e orientador do programa Dr. Gilson Xavier Azevedo.

Referências

BARTHOLOMEU, Daniel; SISTO, Fermino Fernandes; MARIN RUEDA, Fabián Javier. Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 139-146, Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2017.

KAUARK, Fabiana da Silva; SILVA, Valéria Almeida dos Santos. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 25, n. 78, p. 264-270, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2017.

KIRK, Samuel & GALLAGHER, James J. **Educação da criança excepcional**. Tradução Marília Zanella Sanvicente. 3ed. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1996.

MAZER, Sheila Maria; BELLO, Alessandra Cristina Dal; BAZON, Marina Rezende. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 7-21, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana B. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem**: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SANTOS, Patricia Leila dos; GRAMINHA, Sônia Santa Vitaliano. Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento acadêmico. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, p. 217-226, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SMITH, Corine; STRICK, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**: um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2001.